

ESPAÇOS DE CULTO DA FREGUESIA DE ST.º ESTÊVÃO DE BARROSAS (LOUSADA)

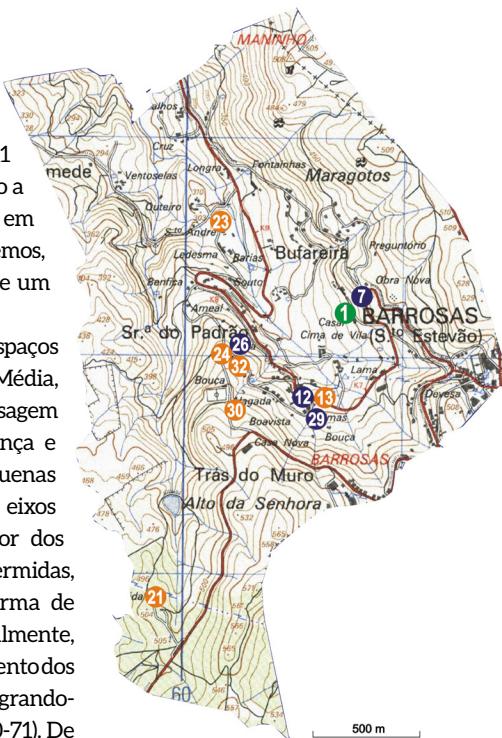
Parte I: Capela da Casa do Carmo

Diversos na arquitetura, na estética e na espiritualidade ambiente, porém afins na promessa de um certo clima místico que propicia a adoração e induz à paz interior dos crentes, os espaços de culto, aqui entendidos como manifestações arquitetónicas da devoção religiosa da comunidade de St.º Estêvão de Barrosas, constituem um legado identitário de inestimável préstimo. Na verdade, se os valores estéticos de cada um desses espaços constituiriam, *per si*, razão para este arrolamento patrimonial, a complexa teia de relações histórico-culturais que o tempo teceu em torno de cada um deles, tanto empurra o olhar para o deslumbramento da arte erudita de capelas, como para o lírico encanto popular das alminhas.



Durante os trabalhos de campo do projeto *Inventário Patrimonial da Freguesia de St.º Estêvão de Barrosas* (Lemos, no prelo) foram identificados 11 sítios do tipo Espaços de Culto. Destes, excluindo a Igreja Paroquial de St.º Estêvão de Barrosas por ter sido, em tempo próprio, objeto de um artigo dedicado (Nunes e Lemos, 2016:21-25), foram arroladas seis capelas, três alminhas e um oratório (Lemos, no prelo).

Estruturas basilares de formação e afirmação dos espaços paroquiais, as igrejas constituíram-se, desde a Idade Média, como elementos fundamentais na organização da paisagem humana, sobretudo porque era em função da segurança e conforto espiritual do seu espaço sacralizado que as pequenas comunidades rurais determinavam os limites dos seus eixos urbanos. Porém, este papel ordenador e harmonizador dos espaços terrenos não foi apanágio apenas das igrejas. Às ermidas, muitas vezes instaladas no alto dos montes como forma de sacralização dos lugares incultos, competia-lhes, igualmente, papel primordial no esforço de humanização e desbravamento dos espaços naturais ainda sob a ação do caos primitivo, integrando-os na conceção cristã do mundo (Nunes e Lemos, 2013:70-71). De tal modo as ermidas se revelaram fundamentais na estruturação da paisagem cristã que a sua construção foi incentivada pelas autoridades eclesiásticas, a ponto de, o Concílio de Trento, no século XVI, ordenar mesmo que, nas povoações onde não



● Capela

- 13 - Capela do Carmo
- 21 - Capela da Ermida
- 23 - Capela de St.º André
- 24 - Capela do Sr. do Padrão
- 30 - Capela da Sr.ª das Dores
- 32 - Capela do Sr. do Horto

● Alminha/oratório

- 7 - Oratório de N.ª S.ª Fátima
- 12 - Alminhas do Carmo
- 26 - Alminhas do Padrão
- 29 - Alminhas das Almas

● Igreja Paroquial

- 1 - Igreja de St.º Estêvão de Barrosas

FIGURA 1 Localização dos *Espaços de Culto* identificados em St.º Estêvão de Barrosas. Carta Militar de Portugal. Escala 1:25 000. Folha 99. IGEOE.

TABELA Caracterização dos diferentes *Espaços de Culto* identificados em St.º Estêvão de Barrosas.

Código Inventário	Designação	Tipo de Sítio	Período Cronológico	Lugar	Coordenadas Geográficas (WGS84)		Estado de Conservação
					Latitude	Longitude	
EST_1	Igreja de Santo Estêvão de Barrosas	Igreja	Século XVIII	Igreja	41°19'58.9"	08°16'31.5"	Bom
EST_7	Oratório de Nossa Senhora de Fátima	Oratório	Século XX	N.ª Sr.ª de Fátima	41°20'00.7"	08°16'29.0"	Bom
EST_12	Alminhas do Carmo	Alminhas	Século XIX/XX	Carmo	41°19'46.0"	08°36'37.3"	Bom
EST_13	Capela do Carmo	Capela	Século XVIII	Carmo	41°19'46.4"	08°16'37.1"	Regular
EST_21	Capela da Ermida	Capela	Século XVIII/XIX	Ermida	41°19'16.3"	08°17'10.1"	Mau
EST_23	Capela de Santo André	Capela	Século XVIII	Santo André	41°20'12.09"	08°10'57.2"	Bom
EST_24	Capela do Senhor do Padrão	Capela	Século XVIII	Padrão	41°19'52.7"	08°16'56.2"	Bom
EST_26	Alminhas do Senhor do Padrão	Alminhas	Século XX	Padrão	41°19'53.4"	08°16'55.3"	Bom
EST_29	Alminhas das Almas	Alminhas	Século XIX/XX	Almas	41°19'44.5"	08°16'39.1"	Regular
EST_30	Capela da Senhora das Dores	Capela	Século XVIII	Padrão	41°19'47.6"	08°16'55.2"	Bom
EST_32	Capela do Senhor do Horto	Oratório	Século XVIII	Padrão	41°19'53.2"	08°16'55.6"	Bom

houvesse lugar de culto, por distarem da igreja paroquial, se criassem pequenos templos que pudessem servir as populações (Cunha, 2003:88). De resto, como veremos, será com base neste pressuposto que, em 1733, Baltasar Ferreira de Melo fará petição para erigir uma capela na então denominada quinta do Casal. Finalmente, as alminhas. Muitas vezes desvalorizadas como espaços de culto, as alminhas, mas também os oratórios, constituem uma das mais genuínas manifestações de religiosidade e arte popular. Frequentemente colocados nas encruzilhadas ou junto aos caminhos, estes monumentos, ora pequenos e singelos, ora vistosos e com alguma opulência arquitetónica, destinam-se a sufragar as almas dos mortos, revelando uma crença na vida para além da morte (Marques, 2001:9; Patrício, 2016:11-12).

A origem da capela do Carmo: 1733 - 1734

A primeira referência documental à Capela do Carmo surge no *Registo de provisão e mais requerimentos em favor de Baltasar Ferreira de Melo da freguesia de Santo Estêvão para erigir uma capela* datado de três de outubro de 1733 (ADB_ Livro 166, fl. 191-192v). Neste documento, Baltasar Ferreira de Melo, casado com Maria Pacheco Marinho e Fidalgo de Cota de Armas, justifica a necessidade de construir uma capela na sua quinta do Casal¹ pelo facto de (...) *lhe ficar distante a igreja matriz e por o suplicante e sua mulher haverem e serem muita família na casa e serem ruins os caminhos para a dita igreja e no tempo do inverno por causa de muitas águas não poderem os suplicantes ir à dita matriz, na qual não há mais que uma missa que é a de dia (...)*. Comprometia-se, Baltasar Melo, fazer com que a porta da capela ficasse (...) *na estrada que vem de Guimarães e próxima à que vai para a cidade do Porto por donde passa continuamente muito povo (...)*. A estes argumentos acrescentará o padre Manuel Rodrigues da Costa que (...) *Baltasar Ferreira de Melo é homem velho e também sua mulher (...) são eles e toda a sua família muito zelosos do serviço de Deus que me parece que hão-de fazer a dita capela com toda a limpeza e veneração (...)*.

A autorização para a edificação da capela, com a mesma data de registo do requerimento de Baltasar Melo, é redigida nos seguintes termos: *damos licença ao suplicante para de novo edificar a dita*

¹Inicialmente designada quinta do Casal, a propriedade passará a ser denominada, a partir de 1734, data da conclusão capela, Casa do Carmo, pela adoção do orago do novo templo: Nossa Senhora do Carmo.



FIGURA 2 Desenho da Capela do Carmo [Fedra Santos].

capela no sítio mencionado em a dita informação do reverendo pároco, a qual farão com a porta para o caminho [de Guimarães] e de pedraria decente e com seu retábulo forrado, em tudo ao moderno e telhada de telha e com os paramentos necessários (...) (fl.192). A construção da capela deve ter-se iniciado de imediato, uma vez que a 20 de agosto de 1734, em doação que Baltasar Melo faz à fábrica da capela de Nossa Senhora do Carmo, é referido que *eles têm licença do (...)* Cabido de Braga sede vacante para em a dita sua quinta do Casal freguesia [Santo Estêvão de Barrosas] edificarem uma capela com a invocação de Nossa Senhora do Carmo e com efeito a têm quase feita (...) (fl.192v). Com a capela quase terminada, Baltasar Melo, seu primeiro administrador, dotou-a com



FIGURA 3 Aspeto da fachada da Capela do Carmo (vista poente).

a renda de algumas terras de cultivo: disseram [Baltazar Melo e Maria Pacheco Marinho] que eles tinham e queriam os seus campos de herdade com suas pertenças e termos úteis da mesma freguesia e termo que são de herdades e dizimos a Deus que houveram por herança de seus pais (...) e que assim como os tinham e possuíam e estavam de posse das ditas herdades com todas as suas pertenças, entradas, saídas e serventias, disseram que todo o rendimento deles davam e doavam à fábrica da dita capela de Nossa Senhora do Carmo, de hoje e neste dia para todo o sempre (...) (fl.193).



FIGURA 4 Vista geral da capela do Carmo e da respetiva casa anexa (vista sul).

A consolidação da capela: 1750 - 1782

Falecido a 13.1.1750, Baltasar Ferreira de Melo instituiu o vínculo de capela de Nossa Senhora do Carmo, por seu testamento de 8.1.1750, em que diz: *Declaro que tenho mais nesta freguesia huns bens de erdade os quais se acham já dotados para a fábrica desta minha capela de N. Sr.^a do Carmo de que sou administrador, cuja administração deixo nomeada a meu filho o Padre Luís Ferreira de Melo a quem recomendo todo, o bom zello da dita capela, e ainda todas as mais Erdades que se acham esta freguesia* (Carvalho, 1985:234). Ao longo de todo o século XVIII, são diversas as referências documentais à capela, sejam elas do administrador, solicitando autorização para reformas², sejam determinações de obras impostas por parte dos sucessivos visitantes da freguesia³. Também as Memórias Paroquiais de 1758 (Capela, 2009:300), a propósito das Ermidas existentes no espaço da freguesia, se referem à Capela do Carmo.

A seu propósito escreveu o abada Jerónimo de Araújo o seguinte: *Tem esta freguesia três ermidas, hua de Nossa Senhora do Carmo, sita no mesmo lugar do Carmo, que pertense ao padre Luiz Ferreira de Mello, e não acode a ella romage. Adiante, na descrição que faz da Casa do Carmo, regressa à mesma Capela: Tem esta freguesia huma caza chamada do Carmo (...) no qual está a ermida de Nossa Senhora do Carmo, de que atrás faço menção, cuja caza e ermida foi de Baltazar Ferreira de Mello, morador que foi na mesma caza (...).*

Na atualidade, volvidos quase três séculos, a estrutura geral da capela mantém-se muito próxima daquela mandada erigir por Baltazar Melo. Trata-se de um templo de planta longitudinal, de massa simples, rebocado e pintado de branco com janelas de umbral reto nas fachadas laterais e cobertura em telhado de duas águas.



FIGURA 5
 Pormenor do falso frontão da fachada da capela do Carmo.

²Em documento datado de 9 de outubro de 1757, onde solicita licença para colocar um confessionário, diz o padre Luís Ferreira de Melo Marinho, morador na sua quinta da capela de Nossa Senhora do Carmo (...) que (...) tem na dita quinta uma capela na ermida em que se celebra o santo sacrifício da Missa há muitos anos. E como não tenha licença para nela se poder confessar mulheres e tenha muita quantidade de sobrinhas, cunhada e mais família em certas ocasiões e estas não poderem, muitas vezes, sair às igrejas para se confessarem por causa dos tempos e serem pessoas muito graves, portanto pede a Vossa Ex.^a se digne, por serviço de Deus conceder que na dita capela do suplicante se possam confessar mulheres. (ADB_ Liv.134, fl.594v).

³Cf. *Visitações...*, (20.12.1751: fl.34v): *Visitei a capela de Nossa Senhora do Carmo de que é administrador o Rev. Padre Luís Ferreira de Melo e achei que necessitam as paredes dela de serem dealbadas e o missal e galhetas concertadas, como também carece de uma sacra, lavabo e Evangelho de São João e de outra pedra de Ara por ser mui pequena a que tem;* (17.7.1761: fl.45v): *O administrador da capela de Nossa Senhora do Carmo mandará fazer uma vestimenta branca, um véu de cãlice da mesma cor e duas palas de linho fino feitas com perfeição no termo de quatro meses com pena de dez tostões;* (13.10.1782: fl.69v): *Vi também ocularmente a capela de Nossa Senhora do Carmo (...) e o deplorável estado a que se vai reduzindo, pelo que mando que o seu administrador mande pintar de novo a imagem da mesma senhora e também a imagem do Baptista e de Santo António e pintar também o retábulo e frontal e reformar os telhados e consertar as portas e pôr uma mesa de corporais nova com sua renda e duas palas de linho e todas estas obras no termo de seis meses, pena de seis mil réis (...);* (25.6.1793: fl.80v): *O administrador da capela de Nossa Senhora do Carmo fará reparar os telhados da mesma capela e sacristia no termo de dois meses.*



FIGURA 6 Interior da capela do Carmo com destaque para o retábulo e para as sepulturas presentes em primeiro plano.



FIGURA 8
Pormenor com policromia do retábulo.



FIGURA 7
Nicho no interior da capela do Carmo.

A fachada principal, enquadrada por cunhais em cantaria com soco saliente e remate superior em dupla cornija, é dominada pelo portal axial com duplo lintel encimado por um frontão em relevo, definido por duas volutas que amparam um motivo cordiforme com flor-de-lis e fecho decorativo em pinha. A fachada termina em empena coroada por cruz latina com hastes de remate em botão sobre acrotério. Sob a cornija desenvolve-se um friso simples que envolve o óculo localizado no vértice da empena. Os cunhais ostentam pináculos piramidais sobre plintos paralelepípedicos. O interior, para além do retábulo mor em razoável estado de conservação, embora destituído de toda a estatuária, apresenta paredes rebocadas e pintadas de branco (com nicho decorado), pavimento em pedra, onde se destacam três lajes sepulcrais⁴ e teto de madeira pintada.

⁴Numa das três sepulturas identificadas na capela foi inumado o Padre Luís Ferreira de Melo falecido a 27.1.1781 [Carvalho, 1985:240].

Bibliografia

- ADB_ Arquivo Distrital de Braga. *Registo de provisão e mais requerimentos em favor de Baltasar Ferreira de Melo da freguesia de Santo Estêvão para erigir uma capela*. Livro 166, fol. 191-193v.
- ADB_ Arquivo Distrital de Braga. *Registo porque V. Ex.^a reverendíssima fez mercê conceder ao suplicante para que na capela que declara colocar um confessionário*. Livro 134, fol. 594v-595.
- ADP_ Arquivo Distrital do Porto. *Visitações*. Freguesia de Santo Estêvão de Barrosas. 1719-1812.
- CAPELA, V.J.; MATOS, H. e BORRALHEIRO, R. (2009). *As Freguesias do Distrito do Porto nas Memórias Paroquiais de 1758*. Braga.
- CARVALHO, A.P. (1985). *Pachecos, Subsídios para a sua Genealogia*. Lisboa.
- LEMOS, P. (No prelo). *Inventário do Património da Freguesia de Santo Estêvão de Barrosas*. União de Freguesias de Lustosa e Barrosas, Santo Estêvão. Lousada.
- NUNES, M. e LEMOS, P. (2013). *Lustosa, Património e Identidade*. Lustosa: Junta de Freguesia de Lustosa.
- NUNES, M. e LEMOS, P. (2016). Novos elementos para o estudo da Igreja Paroquial de Santo Estêvão de Barrosas (Lousada). Suplemento de Arqueologia. *Revista Municipal de Lousada*. Ano 17. 4ª Série. N.º 142. Lousada: CML, p.21-25.
- NUNES, M. (2009). A paisagem agrária do concelho de Lousada no século XIII: notas arqueológicas, toponímicas e documentais. *OPPIDUM*. (3). Lousada: CML, p.47-74.
- CUNHA, A.M.R. (2003). Lugares do culto de São Gonçalo no território da atual Diocese do Porto. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Ciências e Técnicas do Património. I Série vol. 2, p. 81-94
- MARQUES, M.C.P.V (2001). *As Alminhas do Concelho de Oliveira de Azeméis*. Oliveira de Azeméis: CMOA
- PATRÍCIO, A. (2016). *Alminhas e cruzeiros do concelho de Amarante*. Amarante: Município de Amarante.